

A arte (também) é uma festa em Alvalade

A segunda edição da Mostra, misto de feira e exposição informal, tem tudo o que é habitual nestas iniciativas: festa, encontros, conversas, mundanidade. E artistas e obras de arte. Até 19 de Abril

Artes plásticas

José Marmeleira (texto)
Nuno Ferreira Santos (fotografia)

São 19 horas e o edifício que, no bairro de Alvalade, acolhe a segunda edição da Mostra vive uma agitação nervosa. Há pessoas a descer e a subir escadas, amigos e amigas que trocam saudações efusivas e cumprimentos distantes. "Olá! Olha quem está aqui! Vi a sua filha ontem. Beijos." Os corredores estão apinhados, sucedem-se tropeções e toques em ombros alheios. Confiante e desprevenida, a multidão chegou para ver a arte de 93 artistas, entre afirmados e emergentes, seleccionados e convidados. Está animada. A julgar por este primeiro dia, a Mostra, uma iniciativa de Patrícia Pires de Lima Art Consultant & Projects, e integrada na Lisbon Week, será um sucesso. Os visitantes espreitam, olham, entram, comentam despreocupadamente, por vezes sob o olhar do artista que, anónimo, escuta as conversas. Perfumada, informal e, a espaços, irrespirável, esta não é a atmosfera de um museu ou de uma galeria.

No piso térreo do n.º 2 da Rua do Centro Cultural onde se improvisou um bar, Duarte Amaral Netto conversa animadamente com amigos. Na primeira edição, realizada na Central Station, no Cais do Sodré, sugeriu a escolha de alunos (é professor no Instituto Politécnico de Tomar), mas esteve ausente da mostra. Este ano, sucedeu o inverso. Participa, mas sem alunos. "Quando me apercebi da dimensão do espaço e do número de artistas, propus trazer amigos. Acho importante dar oportunidade às pessoas mais jovens de exporem ao lado de artistas que, de alguma forma, lhes dão reconhecimento." José Luís Neto, Paulo Catrica, João Paulo Serafim, José Pedro Cortes, Carlos Lobo, Daniela Krtisch, Susana Anágua, entre outros, compõem o "colectivo" concebido por Duarte Amaral Netto, e as suas obras podem ser vistas no primeiro e no segundo pisos. A folha disponibilizada à entrada,

com a planta do edifício e a lista dos artistas, permite guiar os curiosos na direcção da arte, mas à curiosidade tem de valer o ânimo. Ao todo são 87 salas, a maior parte indistintas, que formam labirintos e percursos que parecem repetir-se. Facilmente se perde a noção do espaço. Saltam perguntas. "Onde estamos?" Este não é o terceiro piso?" "Onde fica a sala do João?" Só as obras, com os cartões que identificam os preços, as dimensões e a autoria, vêm atenuar a desorientação. Duarte Amaral Netto gosta da relação que se joga entre a arquitectura e a exposição dos trabalhos. "Quando olho para o espaço, acho interessante a forma como se conseguiu gerir todas estas linguagens. O espaço permite isso. Tem muitos compartimentos." Na sua sala, contígua ao bar, estão fotografias inéditas em que o espectador vislumbra referências ao cinema *noir* e à fronteira entre a ficção e a facticidade. As paredes estão pintadas de preto. "Deu-se uma demão de tinta, mas, de resto, a sala está como estava quando aqui entrei. As paredes já eram negras. Limitei-me a assumir o espaço como ele era."

As intervenções sobre as salas variam em intensidade e escala. Houve quem revolvesse o chão, pintasse o tecto e aproveitasse o mobiliário, abrindo armários ou apropriando-se de mesas. Ou se limitasse a colocar os trabalhos no espaço, como Nico, que concorreu na área de desenho e foi seleccionado. "Não quis adaptar o espaço ao meu trabalho. Esta é uma sala mínima que proporciona uma circulação interessante, uma ideia de descoberta, as pessoas vão encontrando as obras nos recantos. Isso interessa-me."

Os desenhos articulam-se com as condições materiais encontradas. Podem ser vistos nos espaços deixados vagos pelo desaparecimento de cabines de som ou nas paredes e revelam ao espectador a existência de um processo vagaroso, repetitivo. Continuam a entrar visitantes e o artista não esconde a satisfação: "Esta é uma hipótese de mostrar o meu trabalho a um maior número de pessoas, e de cada artista ter o seu



As pessoas circulavam livremente pelo edifício de três andares. Cada artista apropriou-se à sua maneira do espaço que lhe foi destinado. Houve até quem pintasse o tecto ou usasse o mobiliário como suporte

espaço, de aí construir a sua lógica e o seu pensamento."

José Maças de Carvalho, nomeado para prémio BESPhoto 2005, partilha da opinião de Nico, mas não traz trabalhos inéditos. As suas fotografias expostas no segundo piso, já foram mostradas no Centro de Artes Visuais de Coimbra em 2011. "Apesar de não serem novas, há milhares de pessoas que não as viram e esta é uma po-